

O cão do meu vizinho disse-me...

Eu desenho na Ericeira aquilo que me compele. Desde criança, o fontanário perto da entrada do mercado da vila com os seus peixes a cuspir água pela boca e uma cobertura que nos pode lembrar aqueles pontiagudos e idiossincráticos chapéus de bicos da era Napoleónica, sempre me prendeu a atenção quando por lá passava. Um dia comecei a desenhá-lo. Por vezes, as ideias emergem em correntes entrelaçadas, quando há uma memória para descobrir. Um sonho recorrente, um pesadelo de infância, estava ali; e num outro dia pintei essa visão sobreposta ao fontanário. Acontece que, em Lisboa, onde eu estava a crescer, havia “chachas” durante os ritos do Carnaval. Esses homens vestiam-se com túnicas pretas, capas e chapéus de bicos apontados para o lado, parecendo-nos a nós uma nova invasão Napoleónica, e estavam geralmente totalmente embriagados. Iria vê-los, frequentemente, com longas espadas de madeira na mão, a perseguir assustadas crianças a gritar pelas ruas de Lisboa. (Isto não é uma história “de chacha”, que em calão significa uma história sem sentido, mas a história de uma criança que era assustada pelos chachas). Lembro-me de a minha mãe dizer, com alguma frequência, para assinalar as consequências que eu pudesse sofrer de algum mau comportamento, “ tem cuidado, olha que o chacha leva-te para longe”. Desenhei o caboz (um pequeno peixe que se confunde facilmente com as rochas, nas pequenas poças de água deixadas pela maré, ao descer), que é como as pessoas da Ericeira normalmente chamam às estatuetas de peixes do fontanário, mas desta vez com um pouco mais de agressividade e também de comicidade, quando se pensa no chacha com uma face de caboz, que se pode encontrar quando se vai ao mercado da Ericeira. O facto é que havia um tal diálogo interno na minha consciência, motivado pela muita poluição verbal à minha volta, que me senti como se tivesse sido mordido por um milhar de “cabozes”! Singularmente, o que ouvia era irritante, realmente, mas nem a quantidade nem o efeito eram insignificantes, pelo que tomei a decisão de começar a listá-las, para no futuro as poder incluir numa peça. Essas frases, pintadas no “O cão do meu vizinho disse-me”..., tornaram-se na “chuva” que o espectador vê, a uma certa distância, ao olhar para a pintura.

A ciência psicológica, ao aperfeiçoar o mecanismo de induzir estados anteriores, já tinha aconselhado os seus praticantes dizendo que a optimização da regressão requer que a pessoa esteja num estado mental semelhante àquele que pretende procurar no passado. É como chupar um longo fio de esparguete: é necessário chupar com força numa das pontas para poder chegar à outra ponta, geralmente camuflada no fundo do prato pelo tentador artifício culinário do cozinheiro.

Um outro dia passou e dei com o cão do meu vizinho no centro da vila, a marcar o seu território muito longe de casa. Como fiquei intrigado com as suas qualidades afirmativas, ocorreu-me a ideia de estudar este cão, que se adaptou tão perfeitamente, graças à sua natureza e audácia, às condições ambientais da Ericeira que teria feito Charles Darwin sentir-se orgulhoso. Eu pensei que não seria tentar ir demasiado longe, falando de metáforas, se eu utilizasse o seu percurso diário de “seguir o nariz”, através da Ericeira, para ilustrar o comportamento humano à minha volta. Na manhã seguinte, cedo, lá estava à espera, pronto, a espreitar pela minha janela, com uma máquina fotográfica na mão, disposto a seguir o amigo Bobi. Os costumes tinham-me ensinado que, desde que me lembro da Ericeira, os meus vizinhos deixam sair os seus animais de estimação pela manhã, para que eles se possam aliviar nas ruas e às portas dos vizinhos. Muitas vezes, estes cães rufias vagueiam pelas ruas durante todo o dia. E ali vai o Bobi! Mas desta vez, comigo no seu encalço, disparando a máquina durante aquilo que poderia ter sido uma manhã incómoda para o Bobi. Mas não durou muito e ele, ao fim de meia hora, habituou-se à minha presença, à câmara e ao “*reality show*” do dia. E foi assim que dois lados da peça “O cão do meu vizinho disse-me” ficaram rodeados pela sinopse daquele dia , semelhante a todos os outros da vida do Bobi. Espero que este foto ensaio do meu amigo Bobi esteja um dia a passear, como todos os outros vírus, nas

páginas da Internet.

Pela forma como tinha sido sujeito ao ataque da poluição verbal, senti que era necessário abordar este projecto de vários modos, envolvendo todos os sentidos. Gravei sons e diálogos que agora lhe pertencem. Há muitos elementos que vieram a integrar esta peça, mas como a necessidade precede a invenção, agarrei-me emotivamente à metáfora da poluição verbal que continua a contaminar... e chego à forma geral da peça com uma chuva torrencial de frases memorizadas que, enquanto conjunto, ou um todo, levam o ouvinte para uma comédia negra. Escrevi páginas dessas frases, muitas vezes em fluxos contínuos de consciência, e terminando com frases como: “veja se consegue passar através dos intervalos da chuva, sem ficar molhado”.

Pintando com acrílicos, num papel preso a um painel por cima das fotografias do meu amigo Bobi, comecei a inventar estruturas para usar as qualidades, quer da transparência, quer da opacidade: por um lado, espiar o Bobi, por outro trazer à superfície a pintura do caboz no fontanário. E foi esta a motivação por detrás dos azulejos do “chapéu Napoleónico” do fontanário, quando encontram o Bobi em acção, e que se assemelha ao que um crítico disse sobre a pintura Cubista de Picasso e Braque: “Uma explosão numa fábrica de azulejos”. Esta pintura desenvolveu-se parcialmente em Portugal, e terminei-a dois anos mais tarde, num atelier que encontrei sob um restaurante, em Atlanta. O restaurante é Francês. A realidade, de facto, pode ser mais ficcionada que a própria ficção.